

cadernos
IHU
ideias

**Linguagem, singularidade
e atividade de trabalho**

Marlene Teixeira
Éderson de Oliveira Cabral



Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.



cadernos **IHU** ideias

Linguagem, singularidade e atividade de trabalho

Marlene Teixeira
Éderson de Oliveira Cabral
ano 8 - nº 132 - 2010 - 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 8 – Nº 132 – 2010

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profa. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. MS Angélica Massuquetti – Unisinos – Mestre em Economia Rural

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Antonio Cesar Machado da Silva

Revisão

Mardilê Friedrich Fabre

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

LINGUAGEM, SINGULARIDADE E ATIVIDADE DE TRABALHO

Marlene Teixeira
Éderson de Oliveira Cabral

Introdução

Múltiplos eixos problemáticos, pouco visíveis num passado recente, hoje se constituem em objeto de investigação. Os paradigmas atuais questionam um conjunto de premissas e noções que orientaram, até há pouco tempo, a atividade científica. Interações inter/transdisciplinares, não lineares, são convocadas para gerar conhecimento sobre temas que polarizam a atenção de profissionais de várias especialidades. A relação do homem com o trabalho é um desses temas que exigem a interação e a integração de várias disciplinas para serem enfrentados, particularmente hoje, diante das significativas mudanças pelas quais passam os modos de produção e as relações de trabalho, decorrentes da revolução tecno-científico-industrial em curso.

Trazer à reflexão questões relativas à intervenção da subjetividade na atividade de trabalho constitui parte das preocupações do *Grupo de Estudos Enunciação em Perspectiva* (GEEP)¹, vinculado à Linha de Pesquisa *Interação e Práticas Discursivas* do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) da UNISINOS. O objetivo desse segmento do GEEP é incorporar às concepções de Yves Schwartz (1997, 2000) sobre o trabalho, formuladas no campo da ergologia, pressupostos teórico-metodológicos advindos da linguística da enunciação de Émile Benveniste (1988, 1989) no intuito de contribuir para tornar visível a complexidade da mobilização subjetiva na atividade de trabalho².

Para que o leitor percorra com maior desenvoltura as páginas que se seguem, fornecemos um breve roteiro. Primeiramente

-
- 1 O GEEP constitui o Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil (CNPq) *Enunciação em Perspectiva*, formado em 2000, que tem por líderes as professoras Marlene Teixeira (PPGLA/UNISINOS) e Maria da Glória Corrêa Di Fanti (PUCRS).
 - 2 Constituem esse segmento do GEEP os autores do presente trabalho, os bolsistas de Iniciação Científica: Aroldo Garcia dos Anjos (BIC/FAPERGS), Luana Müller de Mello (PIBIC/CNPq) e Carla Müller (UNIBIC/UNISINOS); e ainda Jorge Felzens, mestrando (PPGLA/UNISINOS) e Geisa Cássia Romani de Abreu, mestre (PPGLA/UNISINOS).

te, localizamos a origem do interesse acadêmico em convocar diferentes disciplinas, entre elas a linguística, para pensar o trabalho. Após, são feitas considerações sobre o vasto campo da linguística com o objetivo de situar a área específica em que se inscrevem nossas investigações sobre a singularidade na atividade de trabalho. Em terceiro lugar, trazemos, em linhas gerais, a perspectiva ergológica, procurando explicitar os conceitos que dela utilizamos. Finalmente, buscamos circunscrever a natureza da contribuição que o linguista pode trazer a estudos sobre a atividade de trabalho. Para tanto, apresentamos a análise de um pequeno fragmento do *corpus* da pesquisa “Os efeitos da singularidade no trabalho: um estudo do *uso de si* na atividade do profissional de enfermagem”, que desenvolvemos junto ao PPGLA (UNISINOS)³.

1 Linguagem: meio privilegiado para conhecer o universo do trabalho

Pesquisadores de disciplinas distintas, já há algum tempo, têm se interessado pela dimensão *linguageira*⁴ do trabalho. É o caso de sociólogos, como Borzeix e Zafirian; especialistas das ciências da gestão, como Girin; ergônomos, como Garrigou; filósofos, como Joseph e Schwartz, além de linguistas, como Boutet, Gardin, Faïta e Lacoste (BOUTET, 1994). Uma cooperação efetiva entre as ciências do trabalho e as da linguagem vem instituindo um novo campo pluridisciplinar de estudo que entende a linguagem como meio privilegiado de se conhecer esse universo⁵. A razão desse interesse está no lugar central que a linguagem passa a ocupar no complexo de reestruturação produtiva que surge nos anos 80, a chamada “década das inovações capitalistas” (ALVES, 2000, p. 18), como alternativa ao taylorismo⁶ / fordismo⁷.

3 A pesquisa conta com apoio da UNISINOS, do CNPq (bolsa de iniciação científica – PIBIC e Edital Universal) e da FAPERGS (bolsa de iniciação científica – BIC).

4 Tradução da palavra francesa *langagière*. Em geral, usa-se *langagier/langagière* para referir o que está relacionado com a linguagem e *linguístico(a)* para referir o que está relacionado ao estudo da linguagem, embora, frequentemente, *linguístico(a)* seja também usado no lugar de *langagier/langagière*. (cf. <<http://forum.wordreference.com/showthread.php?t=934987>>)

5 O interesse pela palavra dos trabalhadores não é, de fato, novo, tendo sempre motivado pesquisas entre ergônomos e sociólogos. No enfoque atual, entretanto, o objetivo e os métodos de análise apresentam uma configuração diferente. Trata-se de compreender, avaliar e cercar a dimensão *linguageira* do trabalho, de descrever-lhe as diferentes modalidades, de encontrar noções adequadas para teorizar sobre o tema, numa ação de natureza interdisciplinar.

6 O taylorismo tentava predeterminar o mais exaustivamente possível a atividade dos trabalhadores, de modo que eles não tivessem muito que pensar na execução do trabalho.

7 Henry Ford, seguidor de Taylor, fundou a *Ford Motor Company*, em que os veículos são montados em esteiras rolantes que se movimentam enquanto o operário fica parado, realizando uma pequena etapa da produção.

O binômio taylorismo / fordismo, expressão dominante do sistema produtivo e de seu respectivo processo de trabalho, que vigorou na grande indústria ao longo de praticamente todo o século XX, nos anos 70, começa a dar sinais de esgotamento. A atividade de trabalho, reduzida, nesse padrão produtivo, a uma ação mecânica e repetitiva, parcelar e fragmentada, dá lugar à promoção de um trabalhador mais qualificado, multifuncional, polivalente e, ao menos no plano do discurso, chamado a um “envolvimento participativo” com a empresa (ANTUNES, 2001, p. 52). Novas técnicas de gestão da força de trabalho se instituem, programas de Qualidade Total são implantados, organizam-se Círculos de Controle de Qualidade (CCQs) e formam-se grupos de trabalhadores que são instigados a discutir seu trabalho e desempenho, com vistas a melhorar a produtividade das empresas.

A organização do trabalho passa da produção em massa de produtos e serviços estandardizados em quadros organizacionais rígidos para um sistema produtivo caracterizado pela diversidade, flexibilidade, inovação, cooperação. Aparentemente, tem-se uma perspectiva centrada no fator humano, com uma forte aposta no diálogo. Nessa reconfiguração, a linguagem, “interditada e estigmatizada no fordismo/taylorismo”, passa a ser valorizada como fator que não se opõe ao rendimento econômico, ao contrário, o favorece (BOUTET, 1994, p. 59).

O alçamento da linguagem a um lugar de destaque em investigações sobre o trabalho trouxe a necessidade de integrar linguistas a equipes pluridisciplinares instituídas para pensar a dimensão simbólica em esferas próprias do exercício profissional. A França é pioneira nessa iniciativa. No Brasil, a aproximação entre esses dois temas começa a delinear-se em meados da década de 1990, com a criação do grupo *Atelier*⁸.

Se, no início, a voz do linguista soava estranha nessas sinergias intelectuais, hoje já se reconhece sua contribuição para enriquecer a pesquisa sobre a relação linguagem e trabalho, tanto no plano teórico como metodológico. As teorias da linguagem que se têm colocado nesse debate, de um modo geral, advêm da pragmática (Austin, Searle, Grice), da análise da conversação em interface com a sociolinguística interacional (Goffman, Gumperz, Hymes, Tannen), da sociolinguística aliada ao procedimento distribucional de Harris (Boutet), dos estudos no campo da enunciação, especialmente a partir da contribuição de Maingueneau, das formulações de Bakhtin e, no nosso caso, da intervenção de Benveniste.

8 O grupo é sediado no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP e, atualmente, agrega estudiosos da PUC-SP, UERJ, PUC-Rio, UFMG, UNIRIO, UNISINOS, PUCRS, entre outras universidades.

São muitos os aspectos que passam pela linguagem na atividade profissional. Múltiplas são as oportunidades de trocas verbais, que variam, conforme as atividades exercidas, desde a breve ordem dada num canteiro de obras, até o raciocínio completo do técnico em informática, resolvendo uma pane no sistema (BOUTET, 1994).

Essas trocas fazem-se com diferentes propósitos: planejar tarefas, regular e avaliar as atividades realizadas, construir relações sociais entre os diversos membros de uma organização, gerar e desenvolver a competência dos trabalhadores, transmitir saberes, engendrar conjuntos novos de conhecimentos. Além disso, as palavras proferidas no trabalho constroem identidades profissionais, sexuais, hierárquicas; estão na origem de conflitos; organizam, transformam, perpetuam sentidos relacionados ao universo profissional.

A intervenção do linguista em situações de trabalho se dá de diferentes modos. Há pesquisadores que estudam tanto situações de uso da linguagem no exercício profissional, em que a atividade não é necessariamente tematizada (conversas *de* trabalho), como situações em que a linguagem é inseparável da atividade, constituindo em si mesma o essencial da tarefa (linguagem *como* trabalho). Outros se preocupam em focalizar situações em que o trabalhador fala *sobre* seu trabalho, naturalmente ou por sugestão da empresa (e também do pesquisador).

Nosso objeto é o sujeito na própria atividade de trabalho. Com base na linguística, que inclui em seu campo de interesse a enunciação – ato pelo qual o falante se “apropria” da língua para advir como sujeito –, focalizamos a atividade de trabalho, entendendo-a, de acordo com a abordagem ergológica (SCHWARTZ, 2000), como lugar de uma tensão permanente entre o que é da ordem do “programado” e o que é da ordem da experiência singular. Assim, nos estudos que desenvolvemos, o olhar de linguista deixa-se atravessar por um sistema de pensamento filosófico sobre o trabalho, a ergologia.

Antes de propriamente mostrar sob que bases esse atravessamento se dá, algumas palavras são necessárias para melhor situar o fazer do linguista, desde a origem até o momento atual.

2 Linguista, esse “bicho esquisito”⁹

Apesar do reconhecimento da importância da linguagem para a compreensão do trabalho, opera-se, muitas vezes, com uma visão simplista de linguagem, desconhecadora do avanço

9 Referência a *Cor de Rosa Choque*, canção composta e gravada por Rita Lee e Roberto de Carvalho em LP, lançado no ano de 1982 pela gravadora Som Livre (Lado: B, Faixa: 3; Catálogo: 403.6266).

experimentado pelos estudos linguísticos desde o “esgotamento” dos formalismos. Talvez os linguistas sejam, em parte, responsáveis por isso, uma vez que, por longo tempo, preocuparam-se com descrições de natureza exclusivamente formal, não considerando como sua tarefa a participação em pesquisa de campo destinada a apreender dados de linguagem socialmente situados. Essa atitude, embora tenha trazido extraordinária contribuição à ciência da linguagem, acabou gerando na comunidade acadêmica a ideia de que a função do linguista é excessivamente ligada a detalhes de regras, marcado por um formalismo minucioso, exigente e estéril. Some-se a isso o fato de que, de um modo geral, há um desconhecimento em relação ao que exatamente faz o linguista, frequentemente identificado como aquele a quem cabe promover o uso “correto” da língua.

A linguística surge com força na primeira metade do século XX, como ciência piloto, que, no auge do estruturalismo, influenciou grandemente áreas como a antropologia e a psicanálise. Desde seu reconhecimento no âmbito científico, a partir da ampla repercussão do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure (1977)¹⁰, acumulou um expressivo capital disciplinar de natureza formal, constituído de descrições de estruturas da língua, abstraído-se a questão do uso. Particularmente a versão europeia da chamada linguística estruturalista, fundamenta-se em dois princípios fundamentais: o da estrutura e o da autonomia (NETO, 2004, p. 101). O princípio da estrutura afirma, em linhas gerais, que “os elementos que compõem uma língua só podem ser propriamente caracterizados a partir da organização global em que se integram”. Já o princípio da autonomia entende a língua como “um todo em si e por si”, estabelecendo que sua organização interna não pode ser obtida com base em fatos externos que lhe sejam estranhos (NETO, 2004, p 102).

No auge do estruturalismo, os linguistas não viam com bons olhos qualquer tipo de empreendimento utilitário relativo a seus achados (CULIOLI, 1990, p. 13). A radicalização dos princípios da estrutura e da autonomia é tal que Antoine Meillet, no Congresso de Haia, em 1928, diante da pergunta “Para que serve a linguística?”, responde: “A linguística não serve para nada”.

Como a linguagem é o caminho por excelência pelo qual os processos de simbolização se deixam observar, não é de estranhar que, a certa altura, a linguística tenha sido solicitada a se explicar em relação ao que extrapola a noção de estrutura. A chamada “virada linguística”¹¹, ocorrida em vários setores da pesquisa, tanto de cunho filosófico quanto social, vem mostrar ao

10 Originalmente publicado em 1916, três anos após a morte de Saussure.

11 A expressão “virada linguística” (*linguistic turn*) é típica do campo filosófico, ainda que possa ser encontrada em outras áreas. Designa o predomínio da linguagem sobre o pensamento como um dos objetos de investigação filosófica.

linguista que a palavra é o lugar ideal para investigações no âmbito social, além de se apresentar como um terreno fértil para a reflexão sobre a subjetividade.

A partir de meados dos anos 1970, a linguística começa a se sentir mal na posição de isolamento em que se encontra e sai em busca de apoio da biologia, da lógica, da psicologia, e, particularmente, das ciências do campo social, domínios até então considerados como constituindo seu “exterior” epistemológico (TEIXEIRA, 2004). Surgem a psicolinguística, a sociolinguística, a etnolinguística, as linguísticas do texto e do discurso para acolher, de algum modo, questões que os formalistas colocaram como limite insuperável para o saber que desejavam instituir. Hoje se pode dizer que não existe *a linguística*, mas diferentes linguísticas. Então, antes de mais nada, é preciso definir a que linguística estamos filiados.

Nosso lugar de fala é a linguística da enunciação, designação proposta por Flores e Teixeira (2005) para abarcar um conjunto de abordagens da linguagem, que, embora diversas, apresentam um eixo de interesse comum: “tomar os atos de linguagem com referência à singularidade da ocorrência contextual”. Incluem-se, nesse conjunto, além de Benveniste, linguistas pós-estruturalistas, tais como Bally, Jakobson, Ducrot, Authier-Revuez, que, de algum modo, buscam evidenciar as relações da língua não apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito. Trata-se de uma área que possibilita abordar questões relativas à subjetividade na linguagem, de um ponto de vista que, sem desconhecer que a língua é uma estrutura (constituída de um léxico associado a um sistema de regras fonéticas e morfossintáticas), é o lugar em que o sujeito advém por meio de traços específicos que podem ser encontrados nos encadeamentos de enunciados.

Estar no campo da enunciação não é, então, negar que existam leis e regularidades, mas é tentar reconciliar o estável e a instabilidade inerente ao ato singular de tomada da palavra. De certo modo, é ter que lidar com algo que é da ordem do inapreensível, o que implica abrir mão de qualquer projeto de totalização do saber.

3 Perspectiva enunciativa de estudos da linguagem

A discussão sobre o trabalho, como vimos, não constitui tema novo no escopo dos estudos linguísticos, particularmente daqueles inscritos no âmbito do discurso. Cada vez mais, são encontradas intervenções de linguistas em situações de trabalho. No entanto, a teoria de Benveniste não vem sendo convocada a integrar tais interlocuções. Considerada de cunho estritamente linguístico, ela tem sido mantida à margem do debate de natureza social.

Preconizamos a inserção da teoria enunciativa de Benveniste nesse campo de discussões, por considerá-la um campo fértil para o desenvolvimento de reflexões que envolvam a subjetividade. A afirmação “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1988, p. 286) produz um deslocamento importante: o *homem* somente se configura em *sujeito* quando inscrito na linguagem, isto é, a linguagem é inseparável daquele que a usa. Sob essa ótica, independentemente do dado estudado e do recorte constituído, pode-se dizer que, na enunciação, é da linguagem no homem e da sua capacidade de se propor como sujeito que sempre se fala (FLORES, 2008).

A onda estruturalista, impulsionada pela linguística, atingia seu auge quando as formulações de Benveniste vieram a público. Considerada como “região epistemológica” privilegiada, capaz de fornecer metodologia avançada para “salvar” as ciências humanas (PAVEL, 1990), a ciência da linguagem estava bem próxima do ideal de cientificidade das ciências físicas e da natureza. É natural que Benveniste, quando enuncia a tese da subjetividade na linguagem, ultrapassando Saussure, ainda que sem abandoná-lo, não tenha encontrado escuta entre os linguistas da época. As estruturas conformadas ao ideal de repetibilidade, o princípio da imanência, encerrando o estudo da linguagem no intralinguístico, estão em franco desacordo com a enunciação e seus mecanismos, “por natureza sensíveis à irrepetibilidade do *aqui agora*” e à interferência de fenômenos extralinguísticos (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 30). Isso explica o fato de os textos de Benveniste terem sido, muitas vezes, publicados em revistas de outras áreas do conhecimento, como a psicologia e a filosofia.

Só recentemente, a referência a Benveniste tem sido comum em publicações no campo dos estudos da linguagem. No entanto, apesar de haver hoje uma espécie de *efeito Benveniste*, isso não significa que ele tenha deixado de “pregar no deserto” (TEIXEIRA, 2004, p. 7). Muitos o referem para colocá-lo na história das ideias como aquele que, embora tenha pecado ao propor uma interpretação idealista da subjetividade, teve o mérito de inserir o sujeito nos estudos linguísticos. Além disso, é bastante comum encontrar-se o escopo da teoria benvenistiana reduzido ao âmbito da descrição de características internas de determinados fenômenos linguísticos, considerados como indicadores de subjetividade, ainda que se reconheça que sua perspectiva de análise transcende o formalismo. Nossa leitura contraria essas duas interpretações, conforme discutimos a seguir.

Passagens clássicas de Benveniste são citadas para sustentar o caráter idealista de sua visão da subjetividade: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta, na *sua* realidade que é a

do ser, o conceito de ‘ego’ ”¹² (1988, p. 286); “O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala” (1989, p. 84).

No entanto, uma leitura mais atenta de seus textos mostra que essa posição não se justifica. Benveniste (1988, p. 286) considera que a “linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso” e ao outro como *tu*. A inserção do enunciado no tempo interlocutivo é constitutiva da pessoa que fala, e que *fala com*. Dizer, por exemplo, “bom dia” cria uma relação humana.

Para que melhor se compreenda o pensamento de Benveniste sobre a indissociabilidade entre linguagem e subjetividade, remetemos ao capítulo 21 do volume I de *Problemas de Linguística Geral* (1988). Nesse texto, ele recusa a ideia de linguagem como instrumento de comunicação, afirmando:

A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou [...]. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (1988, p. 285).

É claro que Benveniste não quer, com essas palavras, negar que haja “comunicação” entre os humanos. A noção de comunicação é um dos elementos fundamentais construído por sua teoria da enunciação, sendo objeto da segunda parte dos dois volumes de *Problemas de Linguística Geral* (DESSONS, 2006, p. 43). É preciso compreender que ele utiliza o termo *linguagem* numa amplitude maior, como o que faculta a passagem do homem, ser antropológico, a sujeito, distinguindo-a de discurso, linguagem posta em ação necessariamente entre parceiros.

Entendida como faculdade simbólica inerente à condição humana, a linguagem é sempre referida ao outro, porque é sob a condição da intersubjetividade que o sujeito se institui na/pela linguagem. “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*” (1988, p. 286), afirma Benveniste, acrescentando que “a consciência de si só é experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*” (1988, p. 286). “A linguagem exige e pressupõe o outro” (1989, p. 93).

A intersubjetividade coloca-se, assim, como condição da subjetividade nas teorizações de Benveniste. Encontra-se aí uma espécie de “anterioridade lógica”, ou seja, é porque existe intersubjetividade que se pode pensar em subjetividade. O sujei-

12 Grifos do autor.

to para se propor como tal na linguagem tem de estar, ele mesmo, constituído pelo outro (FLORES; TEIXEIRA 2005). Não há, pois, solipsismo em Benveniste: a enunciação é sempre dialógica (ONO, 2007).

Tomada como constitutiva da subjetividade, a intersubjetividade não permite supor um emissor e um receptor ideais. Pode-se, então, afirmar que a ideia de comunicação que atravessa o pensamento de Benveniste não se identifica com a das teorias da informação, para as quais comunicar significa essencialmente transmitir mensagens.

Passamos a discutir agora a redução da teoria benvenistiana ao âmbito intralinguístico dos indicadores de subjetividade. Em seus primeiros trabalhos, de fato, o autor dedica-se à análise exaustiva e minuciosa de marcas da subjetividade na linguagem, circunscrevendo-a à classe dos pronomes e do verbo. No entanto, como observam Flores *et al.* (2008, p. 90-1), ao longo de seus textos, Benveniste amplia consideravelmente esse quadro, incluindo a classe dos advérbios e dos adjetivos (1988, p. 288), além de variações das categorias semânticas do verbo como *aspecto, tempo, gênero, pessoa* etc. (1988, p. 281-1).

Em *O aparelho formal da enunciação* (1989), artigo publicado em 1970, ele esboça um modelo de enunciação em que língua e uso integram-se numa só abordagem (TEIXEIRA, 2004). Ao afirmar que “na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo” (1989, p. 84), o autor inclui a referência, antes considerada como estando fora do escopo da enunciação, como parte integrante do ato pelo qual a língua se transforma em discurso.

Examinando esse texto, Haag e Teixeira (2009) procuram mostrar que não só as formas clássicas *eu-tu-aqui-agora* são índices de subjetividade. Todo e qualquer item de língua, na perspectiva enunciativa, passa por um processo de (inter)subjetivação. Se colocar a língua em funcionamento, significa atribuir referência, as escolhas feitas pelo locutor ao assumir a língua para falar do mundo, extraídas do léxico comum, são também indicadores de subjetividade.

A ampliação do escopo da teoria de Benveniste para além da descrição de formas linguísticas está exemplarmente indicada no final de *Semiologia da língua* (1989), texto de 1969. O autor refere uma instância de análise intralinguística que contempla a dupla significância da linguagem (semiótica e semântica¹³) e

13 O *semiótico* designa o modo de significação que é próprio do signo linguístico, no sentido saussuriano, e que o constitui como unidade, sendo da ordem do estável, do fixo. O nível semiótico diz respeito à língua, em que cada signo é dotado de uma significação, que intrinsecamente lhe pertence, e por ela se distingue dos outros signos, pois também no plano da significação a língua é um sistema de oposições. O *semântico* resulta da atividade do locutor que coloca a

anuncia uma instância de análise translinguística, que tomará por objeto textos e obras, com base na elaboração de uma terceira dimensão da significância (metassemântica), a ser construída sobre a semântica da enunciação.

Como Saussure faz com a semiologia¹⁴, Benveniste não descreve esse novo domínio, apenas indicando seu direito à existência. Pesquisadores da enunciação têm investido na tentativa de decifrar esse enigma.

A. Ono (2007) afirma que, sendo a metassemântica baseada na “semântica da enunciação”, pode-se inferir que a enunciação é não somente uma interface entre semiótica e semântica, mas ultrapassa o limite da linguística propriamente dita para se dirigir à translinguística. A autora (2007, p. 134) pergunta se não se poderia ver nessa expressão a vontade de Benveniste de aplicar a noção de enunciação a domínios mais vastos, que tendem para o sujeito que age na sociedade, o que implicaria a abertura de sua teoria na direção de dimensões que *organizam* o discurso, abertura que não é unidimensional, pois interessa também a áreas, como antropologia, mitologia, narratologia e mesmo teoria literária e psicologia.

J.-M. Adam (2008, p. 39) considera que, no final de *Semiologia da língua*, Benveniste divide programaticamente o campo geral da linguística em três domínios: a linguística do sistema, dedicada à significância do signo (semiótico); a translinguística dos textos e das obras, dedicada à metassignificância do discurso (metassemântica) e – ocupando uma posição central – a linguística da enunciação, dedicada à significância do discurso (semântica). De acordo com a proposta de Adam, por ocupar uma posição central, a linguística da enunciação está implicada tanto na análise intralinguística como na translinguística.

A análise intralinguística se apresenta como um estudo da língua que transcende a linguística do sistema, pela incorporação da relação indissociável entre os níveis semiótico e semântico de significância e por incluir o sentido promovido pelo sujeito a partir do agenciamento de palavras na frase. A análise translinguística, sem desconhecer a intralinguística, volta-se, no entendimento de Ono (2007), não só para o discurso de textos e obras, mas para “atividades significantes” dos homens em qualquer tipo de interação social.

Em razão de sinalizações como os apresentados acima, Teixeira (2004) afirma que as célebres formulações de Benvenis-

língua em ação; é o modo específico de significância engendrado pelo discurso e nos introduz no domínio da língua como produtora de mensagens.

14 Em seu *Curso de Linguística Geral*, Saussure postulava a existência de uma ciência geral dos signos, ou Semiologia, da qual a linguística faria parte, cujo objeto seria “o estudo da vida dos signos no seio da vida social” (SAUSSURE, 1977, p. 23).

te sobre a subjetividade na linguagem oferecem indicativos de que se desenvolve aí um pensamento sobre a linguagem que abala alguns dos dogmas sobre os quais a linguística se edificou, representando um movimento na direção de uma nova ordem científica. Sendo assim, essa teoria, ainda que tributária do estruturalismo, apresenta-se como uma “outra linguística”, cujo objeto não é nem a *língua*, nem a *fala*, mas a enunciação, ato de passagem da língua ao discurso pelo qual o locutor semantiza a língua.

Falar de enunciação é falar de subjetividade. Desse modo, nada mais natural do que colocar os estudos enunciativos em interlocução com a ergologia, particularmente voltada para a “presença” da subjetividade na atividade de trabalho. Por conceber o sujeito integrado à definição de linguagem – não um sujeito causa de si, mas um sujeito que advém na/pela intersubjetividade –, a abordagem de Benveniste se coloca como fundamental para tratar do que está crucialmente implicado na atividade de trabalho.

A nosso ver, os estudos enunciativos têm duas contribuições a trazer à ergologia, a primeira, de caráter mais amplo, no âmbito teórico, é uma concepção de linguagem; a outra, mais específica, no âmbito da prática, relaciona-se ao fornecimento de ferramentas para a análise da materialidade linguística propriamente dita. Ou seja, a competência disciplinar do linguista pode auxiliar a manipular tanto conceitos como os de *linguagem*, *língua*, *discurso* etc. como procedimentos de análise de formas linguísticas presentes nos discursos tomados como objeto de pesquisa (TEIXEIRA; CABRAL, 2009).

Antes de avançar na direção da natureza da contribuição do linguista, necessário se faz trazer em maiores detalhes o campo dos estudos ergológicos.

4 Perspectiva ergológica de estudo da atividade de trabalho

Estamos acostumados a considerar o repetido, o codificado, o normatizado, o prescrito como as verdadeiras marcas do trabalho humano. A perspectiva ergológica que aqui trazemos vai em outra direção: considera que não se pode pensar o exercício profissional sem levar em conta que ele implica o trabalhador, suas escolhas e seus dramas interiores.

O campo da ergologia compreende um conjunto de estudos relativos à atividade de trabalho, que nasceu no sudoeste da França, no final dos anos 1970. Resulta de investigações coletivas sobre o objeto de estudo “trabalho”, realizadas pelo dispositivo APST (*Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail*). Esse agrupamento cooperativo iniciou suas atividades na Universidade de Provence (Aix-Marseille I), na França, com o filósofo-

fo Yves Schwartz, o linguista Daniel Faïta e o sociólogo Bernard Vuillon.

A abordagem ergológica ganhou força, ao longo das décadas seguintes, com uma série de publicações, reunindo linguistas, ergonomistas, sociólogos, filósofos, e conquistando, em 1999, na estrutura acadêmica da Université de Provence, o Departamento de Ergologia. Em 2000, o filósofo Yves Schwartz, um de seus mentores, apresenta a ergologia de forma mais consistente, numa obra de grande fôlego: *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Uma rede de intercâmbios e publicações de obras coletivas favoreceu a circulação internacional dos princípios ergológicos. Particularmente no Brasil, os frutos dessa rede podem ser encontrados em diversas instituições: PUC-SP, UERJ, UFMG, COPPE/UFRJ, ENSP/FIOCRUZ, UNICAMP, UFES, UFMT, UFPb, UFPe, USP, UESC, UCPel/RS, PUCRS, UNISINOS/RS. Predominam investigações, sobretudo interdisciplinares, vinculando o trabalho a áreas como a linguística, a psicologia social, a ergonomia, a engenharia de produção, a educação, a saúde pública (ATHAYDE; BRITO, 2007, p. V-IX).

A ergologia apresenta-se como um espaço “novo e criativo” para se pensarem questões relativas ao trabalho que têm por objetivo “produzir conhecimentos sobre como vivem as pessoas a fim de melhorar suas condições de trabalho” (SOUZA-E-SILVA, 2008, p. 3).

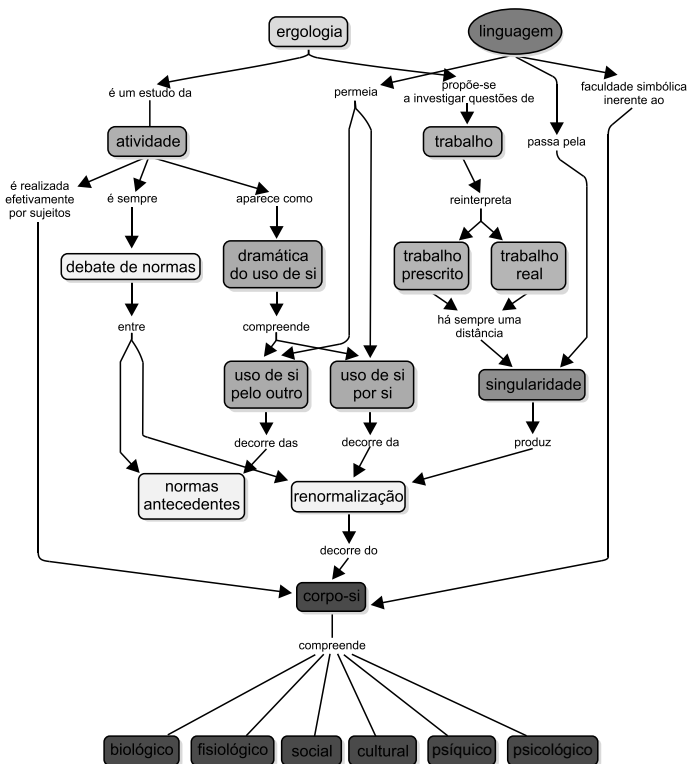
De acordo com Schwartz (2007, p. 249-50), dois polos¹⁵ estão implicados no campo do trabalho: o econômico e o político. O primeiro é o dos administradores oficiais do trabalho, aqueles que têm por função organizá-lo. O segundo envolve o Estado, os organismos da Democracia e do Direito, devendo gerenciar o bem comum. A esses dois, o filósofo integra um outro: o polo das dramáticas de uso de si, dos debates de normas ou ainda do que se pode nomear como gestões “do” e “no” trabalho (SCHWARTZ, 2007, p. 253).

É este último polo que particularmente nos interessa. Por meio dele, Schwartz dá lugar “a um outro modo de olhar o trabalho” (SOUZA-E-SILVA, 2008, p.4), entendendo-o como atividade humana. Sob o ponto de vista ergológico, a atividade é um impulso de vida, de saúde, sem limite pré-definido, que sintetiza e liga tudo o que se representa separadamente (corpo/espírito; individual/coletivo; fazer/valores; privado/profissional; imposto/desejado etc.) (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p.23). Schwartz amplia e especifica o conceito de atividade no excerto a seguir:

15 Quando fala de polos, Schwartz não quer designar territórios perfeitamente individualizados ou instituições precisamente delimitadas e absolutamente independentes, pois não deixa de reconhecer que entre esse polos há uma gama de situações intermediárias (2008, p. 249).

a atividade torna-se o lugar de uma dialética onde agora é preciso articular os debates do sujeito com todos os tipos de normas apreendidas no horizonte histórico-social. Estas normas devem ser pensadas como anteriores aos sujeitos que com elas têm que lidar, mas também é a história destes sujeitos, anterior a estas normas, que permite abordar localmente o resultado das negociações de onde resulta, a cada vez, a reconfiguração do meio (2005, p.1).

Buscamos ilustrar no quadro abaixo (a) os conceitos da ergologia que utilizamos em nossas pesquisas, bem como (b) a relação entre eles; (c) a relação deles com a linguagem e com a singularidade (*corpo-si*).



Como mostra o quadro, a ergologia propõe-se a investigar questões de trabalho. Baseando-se na releitura das noções de *trabalho prescrito* e *trabalho real*, formuladas pela ergonomia da atividade. O trabalho prescrito constitui-se de “um conjunto de condições e exigências a partir das quais o trabalho deverá ser realizado” (TELLES; ALVAREZ, 2004, p. 67), incluindo tanto as condições determinantes de uma situação de trabalho (ambiente físico, matéria-prima etc.) quanto as prescrições (normas, or-

dens, resultados a serem obtidos etc.)¹⁶. Já o trabalho real compreende a realização concreta da atividade.

A evolução da discussão em torno dessas duas dimensões tem mostrado que elas não podem ser vistas como dicotômicas, pois há uma defasagem entre elas. A distância entre trabalho prescrito e real deve-se a um terceiro termo que se introduz no sistema *homem-tarefa* como conceito intermediário que a ergonomia tem utilizado para pensar seu objeto: a atividade de trabalho.

Schwartz substitui as noções de prescrito e real pelas de normas antecedentes e renormalizações. Entende por normas antecedentes o conjunto pronto de especificações (manuais, programas, regras...) para que se constitua a atividade de trabalho. As normas podem ser pensadas em um *continuum*, que vai desde as mais fechadas, que limitam as possibilidades de variação na atividade, até normas que apresentam maior flexibilidade, viabilizadoras de engajamento de si.

O trabalhador em exercício precisa manipular problemas, lidar com dificuldades imprevistas e, para isso, vai precisar antecipar saberes que ainda não existem, interferindo nas normas, isto é, renormalizando-as. As renormalizações – processos de transformação das normas – compreendem o trabalho em si, como organização viva, tendo o homem como protagonista principal. Configuram-se como um processo de retrabalho das normas antecedentes que acontece em todas as situações de trabalho (TELLES; ALVAREZ, 2004), atestando a forma singular de atuação no espaço laboral.

No processo de renormalização, não se trata de refazer as normas, mas sim de ajustá-las, preenchendo com a singularidade as lacunas da atividade de trabalho. A abordagem ergológica não propõe que se vejam as normas como instância de opressão; ou a renormalização como ato conscientemente subversivo: ao contrário, as normas são necessárias por carregarem consigo parte do legado cultural humano e por proporcionarem a implicação subjetiva, em maior ou menor grau, do homem na atividade.

No lugar do que comumente se designa pela palavra *subjetividade*, Schwartz propõe a noção de *corpo-sí*, no intuito de evitar que se tome o sujeito numa perspectiva idealista. Sua preocupação é resguardar o caráter enigmático da onipresença da singularidade na atividade de trabalho. O corpo-si compreende o biológico, o cultural, o fisiológico, o psicológico, o psíquico, o

16 A reflexão em torno de prescrito e real contribui para que se denuncie a simplificação do outro no trabalho: “vê-se no outro seu trabalho prescrito e não seu trabalho real” (SCHWARTZ, 2007). Reduzir o outro ao trabalho prescrito, simplesmente dar-lhe instruções, é incorrer no erro de entender o trabalho como mecânico.

social. Trata-se (a) do corpo inserido na vida, considerando-se o fato de que somos parte do *mundo da vida*; (b) da imersão em um mundo perpassado por técnicas, normas, valores; (c) da história psíquica.

Pela intervenção do corpo-si, a atividade de trabalho é definida como uma dramática de usos de si¹⁷, que compreende o uso de si por si e o uso de si pelo outro. Para Schwartz (2007, p. 196), não existe execução de tarefas, mas uso. E é precisamente porque há, ao mesmo tempo, essas duas polaridades do uso, que todo trabalho é problemático e comporta um drama.

O uso de si por si manifesta-se na renormalização, sempre singular, constitutiva da atividade humana, que revela escolhas e decisões do sujeito (corpo-si). É tarefa do gestor, segundo a perspectiva ergológica, pensar estratégias que levem em conta o uso de si por si, uma vez que a atividade é atravessada pelo engajamento pessoal, matriz de história singular. Em última instância, essa atitude revela a consciência ética de que viver é renormalizar.

Toda atividade é sempre um debate de normas, como propõe Schwartz (2000). Trata-se, para aquele que faz algo, de um debate entre as normas antecedentes e um movimento inerente na direção da renormalização.

No âmbito da ergologia, a linguagem é vista como faculdade simbólica inerente ao corpo-si, isto é, sua atualização passa pela singularidade, o que produz renormalização. Além disso, ela permeia o uso de si por si e o uso de si pelo outro.

Durrive e Schwartz (2008, p.25) afirmam que:

A linguagem, particularmente no seu uso delimitado, normalizado [uso de “conceitos”], antecipa a actividade e para isso tem necessidade de fazer como se as coisas fossem relativamente estáveis, invariáveis; a seguir, a actividade, totalmente mergulhada na história em curso, ultrapassa por sua vez a linguagem devido à variabilidade, antecipa o que será necessário depois procurar exprimir em palavras. São dois registros que se encontram em dialéctica permanente. A sua superação recíproca produz sempre mais história, sempre mais saberes.

A linguagem ocupa lugar de destaque nas teorizações feitas no campo da ergologia. Em razão disso, Schwartz (2007, p. 128) vê como indispensável a discussão com linguistas, destacando que é por sua competência disciplinar que ele pode contribuir para que os estudiosos do trabalho manipulem conceitos como *linguagem, expressão, verbal e não verbal, locutor, sintaxe*, essenciais para pensar a relação linguagem e trabalho.

17 Schwartz (2007, p. 193) fala da “dramática do uso de si” para recolocar algo de drama e grandeza naquilo que sempre foi considerado como infinitamente pequeno ou negligenciável.

Existem, como dissemos, inúmeras intervenções de linguistas em situações de trabalho, mas muito há a ser esclarecido a respeito da natureza dessas intervenções, no sentido de elucidar se elas realmente representam um ganho em relação àquelas realizadas por ergonomistas, psicólogos ou sociólogos do trabalho. Nossa linha de pesquisa tem por objetivo propor, desde os estudos linguísticos, formas de diálogo com a abordagem ergológica, especialmente, e com o campo social de um modo geral.

5 O olhar do linguista

J. Boutet (1994) assinala que a atenção dada às formas da língua é o que caracteriza o trabalho do linguista, interessado no estudo da fala viva. Se o sociólogo, por exemplo, tende a olhar os dados discursivos sob o ângulo do conteúdo, indo diretamente “ao que isso quer dizer”, o linguista, em razão de seu conhecimento disciplinar, é sensível às diferentes configurações linguísticas utilizadas pelo locutor no discurso.

D. Faïta (2005) tem também pensado a natureza do engajamento do linguista na análise pluridisciplinar de situações de trabalho. A interlocução com ele faz rever questões epistemológicas sobre o campo teórico e conceitual dos estudos da linguagem, assim como faz compreender a necessidade de redimensionar procedimentos metodológicos empregados em pesquisas destinadas a compreender a atividade de trabalho e assim contribuir para o desenvolvimento da situação profissional dos sujeitos trabalhadores.

De acordo com esses autores, temos afirmado que a capacidade de tratar a materialidade das enunciações é que define a particularidade da colaboração que o linguista pode fornecer às ciências do trabalho, bem como a outras que se interessem pelas práticas de linguagem. O linguista não estuda o discurso pelo que ele refere, mas, antes, pela materialidade da verbalização: materialidade da configuração lexical, das organizações sintáticas.

O desafio a ele colocado está em, do que é visível, observável, mais ou menos descritível, tentar apreender, a partir da linguagem, esse investimento pessoal na atividade de que a ergologia fala, bastante difícil de captar, pois a linguagem não é transparente, nem unívoca (TEIXEIRA; CABRAL, 2009).

A título de ilustração, apresentamos a seguir um breve exercício de análise, com base no *corpus* da pesquisa “Os efeitos da singularidade no trabalho: um estudo do *uso de si* na atividade do profissional de enfermagem”, que desenvolvemos no PPGLA (UNISINOS). Essa pesquisa, orientada pelo dispositivo ergológico, em diálogo com a linguística da enunciação, observa interlocuções entre profissionais de enfermagem, em passagens de

plantão em um hospital, com o objetivo de dar visibilidade ao que acontece na atividade do profissional de enfermagem. Particularmente, interessa-nos surpreender, na situação de trabalho, “as dramáticas de uso de si”, buscando-se descrever a tensão entre o “uso de si por si” e o “uso de si pelos outros”, isto é, o debate de normas constitutivo da atividade.

Escolhemos como posto de observação passagens de plantão por ser uma atividade coletiva importante. Nela são passadas informações necessárias à continuidade do cuidado (procedimentos feitos e a fazer no próximo turno), relatados os fatos mais significativos do período, comentados o estado clínico dos pacientes e as intercorrências. Trata-se de um momento em que o debate com as normas antecedentes (a filosofia do hospital, as prescrições médicas etc.) parece estar bem evidente.

Inicialmente, passamos um período de três semanas, observando o cotidiano dos profissionais de enfermagem na passagem de plantão¹⁸, com um duplo objetivo: conhecer aspectos essenciais ligados a essa rotina; buscar aceitação entre eles.

A seguir, o material de investigação foi constituído em dois tipos de situação de interlocução:

- a) entre as próprias profissionais, em quatro passagens de plantão, que foram filmadas¹⁹.
- b) entre os sujeitos da pesquisa e os pesquisadores, em encontros registrados em áudio.

Na primeira situação, os pesquisadores apenas atuaram na realização da filmagem²⁰. A segunda situação, chamada de *verbalização da atividade*, configura-se como um recurso metodológico inspirado na *autoconfrontação*, proposta por Faïta (2005), em que as profissionais participantes da pesquisa foram expostas às passagens de plantão filmadas para verbalizarem sobre sua atividade, constituindo-se elas próprias como foco de sua reflexão, tendo por fundamento uma dimensão de exterioridade espacial e temporal. Nesse momento, os pesquisadores tiveram participação mais direta mediante perguntas e observações.

A passagem de plantão é feita duas vezes por dia, envolvendo duas duplas de enfermeiras, além de técnicas em enfermagem. Uma enfermeira passa o plantão à outra enfermeira, sob o olhar das técnicas em enfermagem, que raramente intervêm.

18 Essas observações foram registradas em diário, com anotações de aspectos que se mostraram relevantes para os objetivos da pesquisa.

19 As filmagens foram feitas com o objetivo de melhor recuperar a situação de enunciação, pela possibilidade de levar em conta elementos do contexto enunciativo, como o uso de gestos acompanhando a fala. Além disso, o vídeo é um elemento facilitador da transcrição.

20 É claro que o fato de as passagens de plantão serem objeto de observação faz com que a situação não seja totalmente natural.

Conforme já dito, nosso objetivo é indicar, com base no fio do discurso, o debate de normas, o que nos leva a olhar para a atividade de trabalho como um lugar em que forças contraditórias atuam.

Como linguistas, o que analisar? Como analisar? Até onde vai a análise que se pode fazer?

Benveniste não desenvolveu propriamente um modelo de análise da enunciação. Sua obra é mais um roteiro indicativo de questões referentes à “presença do homem na língua” do que a proposição de um método nítido de análise. Alguns princípios gerais podem, entretanto, ser colocados:

- a) o estudo da enunciação não está limitado a certos signos da língua, mas compreende a língua na sua totalidade²¹;
- b) o que será objeto de análise é uma questão de ponto de vista, e não de definição apriorística;
- c) a enunciação não é um nível de análise: todo e qualquer fenômeno linguístico, em qualquer nível (sintático, morfológico, lexical), carrega em si a potencialidade de um estudo enunciativo.

O exemplo que selecionamos para estudo, situa-se na instância do léxico. Antes de trazê-lo, são necessárias algumas considerações gerais sobre a linguagem das enfermeiras na atividade de trabalho. Não podemos esquecer que estamos diante de uma situação de comunicação especializada: a que se estabelece entre profissionais de uma área com seus termos técnicos e seus respectivos conceitos (KRIEGER, 2008²²).

Muitos termos representam um conceito, equivalente ao ponto de vista da especialidade em enfermagem. Há distintos organismos internacionais que normatizam terminologias para serem adotadas pelos profissionais. É o caso da ISO, com seu comitê voltado à terminologia e que padroniza os termos para as distintas atuações em ambiente de trabalho.

Essa padronização terminológica é buscada por esses organismos para que se alcance o que eles chamam de “comunicação unívoca”, considerada uma condição necessária a um eficiente intercâmbio comunicacional entre especialistas e sobre-

21 Comumente, o que se verifica é uma espécie de restrição do tipo de fenômeno linguístico que poderia ser alvo de abordagem enunciativa: considera-se que apenas algumas classes de palavras (pronomes, adjetivos, verbos, advérbios) e alguns fenômenos muito localizados (discurso relatado, implicação, pressuposição) podem ser estudados desse ponto de vista. Como procuramos mostrar, essa é uma interpretação limitada do escopo dessa linguística (FLORES; TEIXEIRA, 2005).

22 KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia técnico-científica: aspectos teóricos e metodológicos. Conferência apresentada no 9º SINADEN (Simpósio Nacional de Diagnóstico de Enfermagem, realizado em Porto Alegre, de 28 a 29 de maio de 2008).

tudo entre sujeitos que possuem conhecimentos semelhantes e paralelos e necessitam atuar profissionalmente de forma compartilhada e coordenada. A estabilidade terminológica em relação à linguagem técnica é, de fato, um ideal a ser perseguido para maior precisão na realização da atividade.

Há duas fontes consolidadas de terminologia de diagnóstico na área da enfermagem: NANDA²³ e CIPE²⁴.

O fato de existir uma terminologia, organizada, divulgada, disponível, por meio seja de uma classificação, seja de um dicionário especializado, seja de um glossário, não significa que, em todos os ambientes profissionais, sejam praticados os mesmos termos:

- há sinônimos entre termos técnico-científicos;
- há uma variação de uso espontâneo: profissional X leigo²⁵ (SANTIAGO, 2007): por exemplo, Diabetes Mellitus X Açúcar no Sangue; Dismenorréia X Cólica Menstrual.

Além dessa terminologia técnica, existem palavras comuns que adquirem sentidos específicos em determinada esfera da atividade, isto é, “códigos que se constroem na atividade”, para usar uma expressão de Faïta (2008). É o caso da palavra “evolução”, por exemplo, que, na área de enfermagem, é utilizada com o sentido de “registro” (*Eu só **evolui** tal procedimento = eu só **registrei** tal procedimento*).

A palavra “manobra” que selecionamos para análise é também um exemplo de uso do código construído na atividade. A ocorrência aqui comentada deu-se na passagem de plantão 1, apresentada a seguir. A letra E, seguida dos números 1 e 2, indica os turnos de fala das enfermeiras envolvidas no plantão²⁶.

E1 – 231 é a dona Maria²⁷.

*Obstruiu novamente a sonda tá. **Fiz umas manobras lá, desinflexi**((Movimenta as mãos para demonstrar como fez o procedimento)) o balonete, coloquei de volta, (.) **fiz umas manobras.***

23 Diagnósticos de Enfermagem da NANDA: definições e classificação 2005-2006 / North American Nursing Diagnosis Association. Porto Alegre: Artmed, 2006.

24 Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem (CIPE), Beta 2, Conselho Internacional de Enfermeiras.

25 Observam-se inúmeras variações desse tipo no *corpus* em estudo.

26 Convenções de transcrição utilizadas:

(.) um ponto entre parênteses indica que há uma pausa curta intra ou interturnos.

(..) três pontos entre parênteses indicam que há uma pausa longa intra ou interturnos.

PALAVRA letra maiúscula indica fala com intensidade acima da fala que a rodeia.

Pala- hífen indica corte abrupto da fala.

() parênteses vazios indicam que o transcritor foi incapaz de transcrever o que foi dito – segmento ininterpretável.

(()) parênteses duplos indicam comentários do transcritor.

27 Os nomes são fictícios.

*Veio direto, bem clarinha, sem sangue, já avisei ele ((o médico)).
Qualquer coisa é pra avisar ele de novo.*

A palavra “manobra” faz parte do léxico profissional da enfermagem²⁸. Seu sentido consensual, estabilizado é: ação de fazer funcionar à mão um aparelho, máquina etc.; conjunto de ações ou movimentos para alcançar um fim desejado, para criar uma situação favorável.

No caso em destaque, as manobras são feitas para desobstruir a sonda a fim de evitar que ela tenha que ser recolocada e assim poupar o paciente de novamente passar por um procedimento doloroso.

Se os princípios da linguística da enunciação são válidos, essa palavra, mesmo tendo um sentido estabilizado, reconhecido pelos profissionais de enfermagem, quando empregada numa situação particular, adquire sentidos que dependem da enunciação: é somente na e pela enunciação que a forma ganha sentido.

Quando os pesquisadores se reuniram com as enfermeiras para comentar as passagens de plantão registradas em vídeo (verbalização da atividade), o turno de fala de E1, acima transcrito, foi alvo de atenção. Operou-se aí um corte para provocar uma outra enunciação da parte das enfermeiras. Segue-se a sequência em que as duas enfermeiras envolvidas no plantão em foco tentam situar o sentido de “manobra”:

E1 – *Que tu tem que tomar uma **atitude na hora pra não dar complicação, né?***

E2 – *Primeiro a gente tenta fazer umas manobras pra desobstruir, pra ver, pra depois passar de novo, né, a sonda.*

SEMPRE coisa que a gente aprendeu em faculdade, tudo coisa técnica, né?

E1 – *Isso aí, **a gente tem orientação médica também. Orientação medica, oh! Se o paciente fez uma cirurgia difícil, talvez pode obstruir a sonda. Ah! deu bastante intercorrência na cirurgia.***

A gente tem também orientação médica.

E2 – **Tem toda uma técnica pra fazer as coisas.**

A gente não faz da cabeça assim, a gente já tem (.) tem toda uma técnica pra fazer e tem orientação também.

Bom, situações de, de emergência às vezes tu tem que tomar atitudes, claro, tu usa luva, tu usa máscara, tu tem que fazer tudo.

28 A palavra é também comum no exército (manobra = movimento de tropas em campanha), na marinha (movimento para arriar uma embarcação), no trânsito (movimento de carro).

E1 – *Ah! Tipo assim, se não dá dum jeito eu faço do outro. É isso?*

E2 – *Pode, pode fazer.*

E1 – *Acontece.*

E2 – ***É, porque às vezes o pedido é sonda e o médico diz “você fazem uma lavagem se obstruir” e a gente só aspira a sonda e já deu resultado, não precisa fazer a lavagem com soro. Então, tem algumas coisas que tu toma algumas atitudes, né?***

P1²⁹ – *Huhum.*

E2 – ***Que não é necessário, específico aquela que foi indicada, tu pode de outra maneira reverter.***

P1 – *Huhum. Então a manobra é esse movimento que é feito antes de trocar*

E2 – *É, antes de trocar.*

P1 – *Antes de trocar.*

E1 – *É. Antes de fazer esse movimento de novo.*

P1 – *Lidar com a sonda.*

E2 – *Isso.*

P1 – *Que tá ali no meio.*

E2 – *Antes de tirar a sonda e passar a outra eu vou mexer nela antes, ver se eu consigo desobstruir (.) tirar o sangue, ou tirar a comida que ficou na sonda naso-interal.*

P1 – *Huhum.*

E2 – ***Né. Então (.) mas é isso tudo é coisa com orientação.***

Observe-se que, no início da verbalização sobre a atividade, E1 definiu manobra como “atitude que tem que ser tomada na hora para não dar complicação”. A seguir, na tentativa de mostrar que a manobra não é uma ação feita por sua conta e risco, percebe-se a presença do(s) outro(s) na atividade de trabalho, o que exemplifica o debate com normas antecedentes:

SEMPRE coisa que a gente aprendeu em faculdade, tudo coisa técnica, né?

A gente tem também orientação médica

Tem toda uma técnica pra fazer as coisas.

A gente não faz da cabeça assim, a gente já tem (.) tem toda uma técnica pra fazer e tem orientação também.

A palavra é de tal maneira significada, na verbalização da atividade, que podemos dizer que dela advém o debate de normas constitutivo da atividade (o uso de si por si indissociável do uso de si pelo outro). A “manobra” se faz de uma confluência de saberes: saber técnico (da faculdade), orientação médica, saber da experiência.

29 A letra P, seguida de número, indica o turno de fala dos pesquisadores presentes na verbalização da atividade.

A decisão em levá-la a efeito passa por um conjunto de microdecisões e escolhas, por parte do trabalhador, que são extremamente importantes para o desenvolvimento do trabalho. Esse pequeno exemplo ilustra que, de fato, a atividade de trabalho é uma dramática de usos de si, uso de si por si e uso de si por outros. Sendo assim, não se pode deixar de considerar a microgestão da atividade feita pelo próprio trabalhador.

O saber técnico tem uma dimensão universal essencial à atividade, mas a dimensão da singularidade está sempre implicada e precisa ser reconhecida para que se entenda como a atividade funciona, ou como ela é eficaz. As normas antecedentes se apresentam de uma maneira muito “emaranhada” na situação de trabalho. Porém, se não se tentar entrar nessa complexidade, se estará neutralizando e até mesmo mutilando o objeto (SCHWARTZ, 2007, p. 150).

Palavras finais

De acordo com Schwartz, a atividade de trabalho apresenta-se como lugar de debate entre normas antecedentes, reguladoras do fazer, e renormalizações decorrentes do investimento subjetivo que lhe é inerente. Em nossa pesquisa, procuramos mostrar que o estudo da enunciação pelo paradigma benvenistiano constitui uma via possível de acesso a esse debate, pois considera que é na e pela enunciação que o sujeito se constitui, entendendo que a língua fornece um sistema formal de base que o falante, quando a utiliza, arranja num estilo particular. Sendo assim, o debate entre norma e renormalização, preconizado pela ergologia, pode ser observado na inter-relação de palavras no discurso de trabalhadores em atividade.

O saber que mobilizamos é o da linguística da enunciação de Benveniste, pela qual a linguagem é entendida como faculdade simbólica indissociável do humano, que se realiza em uma *língua*³⁰, em uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular (BENVENISTE, 1988, p. 31). A relação necessária entre subjetividade e linguagem se deixa ver na atualização da língua em discurso, com base em análises feitas da materialidade de línguas específicas. Desse modo, o linguista não estuda o discurso pelo que ele refere, antes, pelo modo como se apresenta essa verbalização (configurações lexicais, organizações sintáticas).

30 A palavra *língua*, para Benveniste, serve tanto para designar o produto social da faculdade de linguagem, o conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício da linguagem, como os sistemas linguísticos específicos, os idiomas (línguas portuguesa, francesa,...).

É importante ressaltar, finalmente, que uma reflexão enunciativa acerca da atividade de trabalho deve contribuir com os estudos ergológicos nos seguintes pontos:

- ♦ para a identificação, pela linguagem, do debate de normas que atravessa a atividade de trabalho;
- ♦ para o entendimento de que se o dizer não recobre o fazer, é porque a linguagem, por sua intermediação pelo sujeito, não espelha o mundo;
- ♦ para a compreensão de que os atos de linguagem, assim como a atividade de trabalho, constituem-se na dialética entre o estruturado (da ordem do repetível) e o inusitado que emerge da enunciação (da ordem do irrepetível).

A implicação linguística da enunciação com a ergologia suscita um campo epistemológico que requer um olhar específico. Pode-se dizer que esse novo campo, por envolver não apenas o intralinguístico, mas também a instância de discurso nos encaminha para o que Benveniste (1989, p. 64) propõe como *translinguística*, cujos instrumentos e métodos estão por ser criados.

As formulações acerca do fazer enunciativo na perspectiva aqui trazida são ainda embrionárias. Precisam circular, encontrar quem as faça retornar ressignificadas.

Referências

- ADAM, J.-M. 2008. *A lingüística: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez.
- ALVES, G. 2000. *O novo (e precário) mundo do trabalho*. Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo.
- ANTUNES, R. 2001. *Os sentidos do trabalho*. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo.
- ATHAYDE, M.; BRITO, J. 2007. Um livro-ferramenta diálogo e seu uso na perspectiva ergológica tecida entre nós. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (org.). *Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF. p. V-IX.
- BENVENISTE, É. 1988. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes.
- _____. 1989. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes.
- BORGES NETO, J. 2004. *Ensaio de filosofia lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial. p. 17-29.
- BOUTET, J. 1994. *Construire le sens*. Bern: Peter Lang.
- CULIOLI, A. 1990. *Pour une lingüistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Tome 1. Paris: OPHRYS.
- DESSONS, G. 2006. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions In Press.
- DURRIVE, L.; SCHWARTZ, Y. (2008). Glossário da Ergologia. *Laboreal*, 4, (1), 23-28.

- FAÏTA, D. 2005. *Análise dialógica da atividade profissional*. Rio de Janeiro: Imprinta Express.
- FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. 2005. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto.
- FLORES, V. N. et. al. 2008. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto.
- FLORES, V. N. 2008. Sujet de l'énonciation et ébauche d'une réflexion sur la singularité énonciative. In: NORMAND, Claudine (coord.). *Parallèles Floues: vers une théorie de l'activité de langage* (no prelo).
- HAAG, C. R.; TEIXEIRA, M. 2009. Construção enunciativa de referentes. *REVEL*, v. 7, n. 13, ago.
- ONO, A. 2007. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas.
- PAVEL, T. 1990. *A miragem linguística: ensaio sobre a modernização intelectual*. Campinas: Pontes.
- SCHWARTZ, Y. (org.). 1997. *Reconnaissances du travail*. Pour une approche ergologique. Paris: PUF.
- SCHWARTZ, Y. 2000. *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Toulouse: OCTARES.
- SCHWARTZ, Y. 2005. Atividade. *Laboreal*, 1, (1), 63-4.
- SCHWARTZ, Y. 2007. A linguagem em trabalho. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (org.). *Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF. p. 131-88.
- _____. 2007. Trabalho e uso de si. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (org.). *Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF. p. 189-206.
- SOUZA-E-SILVA, M. C. P. 2008. Atividade de Linguagem, Atividade de Trabalho: Encontro de Múltiplos Saberes. *Revista Intercâmbio*, v. XVIII: 1-21. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.
- SAUSSURE, F. 1977. *Curso de linguística geral*. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (org.). São Paulo: Cultrix.
- TEIXEIRA, M.; CABRAL, E. O. 2009. Linguística da enunciação e ergologia: um diálogo possível. *Revista Educação Unisinos*. (no prelo).
- TEIXEIRA, M. 2004. Benveniste: um talvez terceiro gesto? *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 39, n. 4, p. 107-120.
- TELLES, A. L.; ALVAREZ, D. 2004. Interfaces ergonomia-ergologia: uma discussão sobre trabalho prescrito e normas antecedentes. In: FIGEIREDO, M. et al. (org.). *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A. p. 63-90.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro.
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krischke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay - Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airon Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho.
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (ant)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado mineiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu.
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud

- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Élda Azevedo Hennington & Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring
- N. 53 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 54 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 55 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 56 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 57 *O decrescimento como condição de uma sociedade convívial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 58 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 59 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 60 *Globalização – mas como?* – Profa. Dra. Karen Gloy
- N. 61 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 62 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Verissimo* – Profa. Dra. Regina Zilberman
- N. 63 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 64 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Addressa da Silva
- N. 65 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 66 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 67 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 68 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 69 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 70 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 71 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 72 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Profa. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 73 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 74 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 75 *Raça, nação e classe na historiografia de Moisés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 76 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 77 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 78 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 79 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 80 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 81 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 82 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Profa. Dra. Gláucia de Souza
- N. 83 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a idéia de “sindicalismo populista” em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 84 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton & Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 85 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 86 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Profa. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 87 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 88 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 89 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 90 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 91 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha



Marlene Teixeira é doutora em Letras pela PUCRS, professora no Curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPG/LA, UNISINOS, RS), bolsista CNPq. Coordena o Grupo de Estudos Enunciação em Perspectiva (GEEP), que tem por objetivo estabelecer princípios norteadores de uma análise enunciativa no campo aplicado, desenvolvendo procedimentos teórico-metodológicos voltados para diferentes contextos, particularmente a atividade de trabalho.

Algumas publicações da autora:

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. Contexto: São Paulo, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José; TEIXEIRA, Marlene (org.). *Dicionário de linguística da enunciação*. Contexto: São Paulo, 2009.

TEIXEIRA, Marlene; CABRAL, Éderson de Oliveira. Linguística da enunciação e ergologia: um diálogo possível. Revista *Educação Unisinos*, set.-dez. 2009.

TEIXEIRA, Marlene. Dimensão subjetiva da atividade de trabalho: um olhar multidisciplinar. *Correio APPOA*, p. 45-53, mar. 2010.



Éderson de Oliveira Cabral é graduado em Letras, com ênfase em Língua Espanhola, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Atualmente, cursa o mestrado em Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na mesma universidade. Participa do Grupo de Estudos Enunciação em Perspectiva (GEEP) desde 2006, coordenado pela Profa. Dra. Marlene Teixeira.

Publicação:

TEIXEIRA, Marlene; CABRAL, Éderson F. de Oliveira. Linguística da enunciação e ergologia: um diálogo possível. Revista *Educação Unisinos*, set.-dez. 2009.

-
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Yentl Delanhési
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montañó
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques & Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral & Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth* – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet & Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão